

## Comunicação, lugar e comunitarismo nas Festas Juninas em Tocantinópolis, Tocantins<sup>12</sup>

Elaine Nolêto JARDIM<sup>3</sup>  
Bianca de Carvalho MARTINS<sup>4</sup>  
Nayara Keyciane Bueno BORGES<sup>5</sup>  
Thássio Borges MARINHO<sup>6</sup>  
Carlos Fernando Martins FRANCO<sup>7</sup>  
Universidade Federal do Tocantins, UFT, TO

### Resumo

O trabalho discute a dinâmica presente na construção de identidades locais e regionais no Tocantins realizada nas manifestações folclóricas e populares como forma de expressão e visibilidade dos membros da comunidade e espaço de trocas e reprodução de valores sociais. O objeto de pesquisa foram as Festas Juninas de Tocantinópolis, município situado no extremo norte do Tocantins. O período de coleta dos dados ocorreu entre os dias 22 a 25 de junho 2015, durante os festejos daquele ano. A pesquisa seguiu a perspectiva teórico-metodológica dos estudos folkcomunicaçãois, para pensar a cultura popular de forma a contemplar menos o determinismo das relações de poder, e mais as ações efetivas dentro dos processos de produção e manutenção da vida, de apropriação e ressignificação da realidade da comunidade estudada a partir de seu cotidiano.

**Palavras-chave:** Folkcomunicação; Identidades; comunidade; Festas Juninas; Tocantinópolis.

### Introdução

A diversidade cultural e a multiculturalidade presente no Brasil é percebida em toda extensão de seu território. Cada encontro com manifestações populares, religiosas e folclóricas, quer nos grandes centros urbanos ou nos mais desconhecidos povoados do interior mostra a criatividade de um povo unindo suas demandas de vida, sua fé, valores e a necessidade de reforçar laços identitários. No Tocantins, esta observação é bem peculiar, uma vez que se trata de um Estado oficialmente constituído a partir da constituição de 1988

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática DT II 8 - Estudos Interdisciplinares, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Trabalho apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq.

<sup>3</sup> Graduanda em Jornalismo pela UFT. E-mail elainen@uft.edu.br.

<sup>4</sup> Graduanda em Jornalismo pela UFT. E-mail biancamartinsc@live.com.

<sup>5</sup> Graduando em Jornalismo pela UFT. E-mail thassio-borges@hotmail.com.

<sup>6</sup> Graduando em Jornalismo pela UFT. E-mail nayara.b.borges@hotmail.com.

<sup>7</sup> Orientador do trabalho. Professor do curso de Jornalismo da UFT. E-mail profcarlosfranco@uft.edu.br.

e que abriga culturas distintas como indígenas, quilombolas, ribeirinhas, além da formação migrante especialmente sulista, goiana, nordestina e nortista.

Ainda que com a mesma origem e raízes, cada fato se torna único e representa cada lugar, revelando suas expectativas presentes nas peculiaridades dos ritos compartilhados comunitariamente. Assim acontece com as festas juninas, especificamente as quadrilhas em Tocantinópolis, município situado na região conhecida como Bico do Papagaio, extremo norte do Estado.

As realidades, o cotidiano, os modos de fazer e de viver (DE CERTEAU, 1994) das comunidades cada vez mais vem se constituído processos de comunicação e expressão, carregados de aspectos de identificação das pessoas com o seu lugar, de sua cultura e história e dos conflitos inerentes, também agregam a construção de novas identidades e referenciais de poder e pertencimento. Assim, a pesquisa buscou ampliar o conhecimento sobre os processos de comunicação articulados à memória e às identidades culturais regionais, presentes no folclore e outras manifestações da cultura popular, a partir da observação das festas juninas de Tocantinópolis, especialmente das quadrilhas juninas.

A cultura como prática possui mecanismos de mudança, aos quais Williams (1969) denomina tradição seletiva. É preciso pensar a cultura como todo um modo de vida, marcado pela heterogeneidade das experiências dos indivíduos frente às transformações sociais, em que as pessoas se reconhecem como parte de um grupo e constituem mecanismos próprios de asseguramento de sua cultura. O folclore e as manifestações folclóricas e populares têm se revelado cada vez mais como um discurso afirmativo de identidades culturais, mas também de vocação econômica, pois tem gerado renda e visibilidade para diversas comunidades espalhadas pelo Brasil a partir das parcerias com organismos públicos e privados.

Por outro lado, não se trata de somente descrever os atos, festas e outras manifestações folclóricas e da cultura popular, mas abordá-los sob o aspecto da comunicação. Assim, buscamos entender as estratégias utilizadas para transmitir informações, as trocas culturais efetivadas dentro do grupo e do grupo para a sociedade em geral, ou seja, os processos de sociabilização produzidos nestas manifestações, as referências identitárias e territoriais e com isso as relações de pertencimento dos membros com suas comunidades sustentadas pelas manifestações culturais tradicionais, a posição de novos agentes folkcomunicacionais e as formas de ativismos geradas dentro destes grupos.

De forma mais geral o trabalho estuda, portanto, a construção de identidades locais e regionais no Tocantins realizada nas manifestações folclóricas e populares do município de

Tocantinópolis, como forma de expressão e visibilidade de seus participantes por meio das quais desenvolvem suas próprias leituras da sua história e da realidade social. As culturas e identidades se manifestam por meio das interações no cotidiano. Mais especificamente o trabalho descreve as características, contexto histórico e principais objetivos, perfil e peculiaridades de grupos populares das festas juninas de Tocantinópolis. Busca ainda identificar questões relacionadas aos processos folkcomunicacionais nestas manifestações como as formas de expressão, visibilidade e sociabilidade, as referências identitárias e territoriais e a posição de novos líderes de opinião ou agentes folkcomunicacionais e as formas de ativismos geradas dentro destes grupos.

Assim, com uma perspectiva mais etnometodológica da comunicação e as referências teórico-metodológicas da folkcomunicação, traçamos uma linha de pesquisa baseada nas interações e vivências cotidianas no âmbito das manifestações folclóricas e da cultura popular que selecionamos, a qual incorpora observações, entrevistas e relatos sobre o objeto. Segundo Winkin (1998, p. 14) a nova comunicação é vista como “performance permanente da cultura” (grifo do autor) e não se restringe à transmissão intencional de mensagens, mas refere-se aos processos dos quais todos participamos cotidianamente.

A metodologia também contemplou o registro visual. Sobre o acervo visual, Benjamim (2004) afirma que este é necessário para os estudos folclóricos, pois a folkcomunicação ocorre em formas não apenas linguísticas, mas também icônicas. Para se analisar estas formas de comunicação é necessário um acervo visual que possa contribuir com esta análise, pois cada cor, forma e gesto estão carregados de herança e informação.

### **As Festas Juninas de Tocantinópolis**

Roberto Benjamim (2004) e Luiz Antônio Barreto (2005) destacam a necessidade de repensar o desgastado termo folclore, que deve ser revisitado, e a inerente inserção da relação entre comunicação e folclore, a partir das ideias de Luiz Beltrão. O próprio termo tradição também tem sido utilizado como discurso de certas culturas ou defensores de uma identidade cultural em geral em detrimento de novas manifestações. Como a divergência de posicionamentos que vemos entre as quadrilhas tradicionais e as chamadas quadrilhas estilizadas.

Entendemos, conforme Williams (apud MENESES, 2015, p. 35), que a cultura vivida é um processo que agrega as experiências cotidianas das pessoas, por isso mesmo é algo dinâmico e, neste sentido, está em constante processo de mudança, mudanças estas

realizadas no seio destas comunidades, portanto por meio de uma processualidade que congrega as práticas culturais e a herança, esta que seria o legado cultural que conforma a história específica de cada povo.

Barreto (2005, p.85) analisa que "sobrevivência e renovação são leis próprias das memórias, aplicadas aos fatos folclóricos que englobam, em suas vigências, todo o fazer e todo o saber de um povo". Assim, faz parte da própria manutenção do folclore e das manifestações tradicionais, e inerente à sua sobrevivência, a capacidade de se recriar, de inovar, momento no qual se reinventam, alguns valores e identidades permanecem como herança e outros novos são construídos.

O folclore e as manifestações culturais populares demarcam a relação entre comunicação e cultura no sentido em que, conforme sintetiza Cristina Schmidt (2011, p.121),

são diversas as formas de expressão popular que fazem a transmissão de valores e sentimentos como mídias próprias ao seu público. [...]. A cultura é a grande tela onde estão configuradas essas maneiras de exibir os conteúdos produzidos no cotidiano de cada grupo, de acordo com suas necessidades materiais e imateriais.

Estas manifestações são formas de as comunidades rurais, marginalizadas, tradicionais, se expressarem, constituem formas peculiares, regionalizadas e localizadas de comunicação e de efetivação das dinâmicas de sociabilidades e apropriações das realidades específicas de cada grupo cultural ou comunidade.

As quadrilhas juninas de Tocantinópolis experimentam essas dinâmicas. As quadrilhas juninas e suas transformações já têm sido debatidas nos estudos sobre folclore e da Folkcomunicação, os quais mostram que elas têm ganhado um lugar cada vez mais relevante nas festas juninas, na identificação sertaneja de alguns territórios e na própria concepção de uma identidade nacional (MENESES; RIBEIRO, 2015).

Em Tocantinópolis, o fortalecimento das Festas ocorreu no início da década de 1980 a partir da construção do quadrilhódromo<sup>8</sup> que, segundo os depoimentos coletados, trouxe mais motivação para a participação da comunidade. Segundo o pesquisador e membro da comissão de jurados da competição de quadrilhas de Tocantinópolis, Elpídio de Paula Neto, o município tem ainda a peculiaridade de manter o estilo tradicional, além da quadrilha

---

<sup>8</sup> Quadrilhódromo é o nome dado ao espaço onde os quadrilheiros se apresentam, o espaço se constitui em forma de arena, tendo local para os jurados, espectadores e "quadrilheiros", os integrantes das quadrilhas.

junina estilizada, chamada apenas “junina”. De acordo com o pesquisador, gira toda uma riqueza cultural ao redor do espaço.

Gira toda uma cultura muito grande em torno desse movimento junino aqui em Tocantinópolis. No Tocantins, é o único lugar que tem um quadrilhódromo (Elpídio de Paula Neto. Entrevista concedida em 23/05/2015).

As Festas Juninas de Tocantinópolis acontecem uma vez ao ano, antigamente duravam uma semana. Hoje em dia, a festa tem ocorrido em torno de quatro a cinco dias. O evento é organizado meses antes pela Prefeitura de Tocantinópolis, e o espaço em que acontece a festividade é sempre reformado e pintado.

Segundo Elpídio de Paula Neto, a cultura das festas juninas de Tocantinópolis está completamente enraizada à ideia do espaço do quadrilhódromo. Ele constitui, portanto, um símbolo da identidade local, uma marca material da identidade tocantinopolina, é a representação da diferença (WOORDWARD, 2000) para com os demais municípios do Estado. De acordo com nossas observações, o espaço enche o povo de orgulho.

Segundo alguns moradores da cidade, o concurso de quadrilhas em Tocantinópolis iniciou-se durante o governo do prefeito José Bonifácio, em 1989, com a ideia de firmar a cultura local, e permanece com muita força até atualmente. O movimento já existia antes disso, mas sem apoio de governantes locais.

Os organizadores da competição de quadrilhas dividiram os quadrilheiros em dois grupos: Grupo A, competidores profissionais; e grupo B, não competidores. Mas qualquer pessoa pode participar da festa e existem quadrilhas que agregam vários grupos identitários.

Alguns grupos de quadrilheiros são mantidos por organizações governamentais ou não governamentais, como igrejas, escolas e secretarias de educação e assistência social da prefeitura. A *Quadrilha de Idosos*, por exemplo, é mantida pela Secretaria Municipal de Serviço Social de Tocantinópolis. Há grupos que se mantêm por conta própria, como a *Quadrilha dos Ferros* (grupo especial em que só homens, heterossexuais ou homossexuais, participam).

A maioria das quadrilhas nas competições tem um enredo que gira em torno de um casamento na roça (imitando os antigos casamentos das cortes europeias). A composição da dança, na maioria dos casos, por casais. Há funções especiais para alguns dos participantes, que são:

1. O casal de reis: é o casal mais bem vestido e que melhor se destaca durante a quadrilha, pois tem coreografia própria, figurino próprio e diferenciado dos demais participantes. São os melhores dançarinos. Em outras partes do Brasil, existe apenas a rainha (rainha do milho, rainha da soja, rainha da roça entre outros nomes).
2. O casal de noivos: se mantém há muito tempo, pois existe a tradição de as quadrilhas sempre celebrarem o casamento.
3. Marcador: é o responsável por guiar os dançantes na construção dos passos. Ao mesmo tempo em que o marcador define os passos e os antecipa, ele também anima o público. Em muitos grupos, o marcador também é o padre que realiza o casamento.

Outro momento que causa expectativa do público são os temas. As apresentações utilizam representações que passam desde o antigo nordeste aos tempos atuais. Os temas das quadrilhas são escolhidos de acordo com os acontecimentos no ano da festa, alguns seguem as “tendências da atualidade”, como o centenário de algum compositor/poeta/artista/beldade importantes para a região ou para as tradições nordestinas da festa (Luiz Gonzaga, Lampião, por exemplo), histórias do cerrado e do sertão etc.

Segundo a professora aposentada e pioneira na cidade, Carmem Assunção, a maior diferença das quadrilhas de antigamente para as atuais está nos trajes.

Antes os trajes eram diferentes, se vestiam roupas antigas. Hoje é luxo, é mais bonito, mais sofisticado, mais estilizado como dizem (Carmem Assunção. Entrevista concedida em 25/05/2015).

Nas festas juninas de Tocantinópolis tanto as quadrilhas amadoras, tradicionais, quanto as profissionais, estilizadas, são prestigiadas pela comunidade. Existe uma dedicação muito grande das quadrilhas profissionais de Tocantinópolis, esses grupos treinam durante o ano inteiro para competir em outras cidades e estados do Brasil, a sincronia dos passos é bem marcante. O figurino destas é mais bem elaborado/padronizado, há quem compre tecidos em outros países para confeccioná-lo. Em contrapartida, há grupos que mantêm o tradicional (sem padrão nas vestimentas e nos passos), de maneira que, às vezes, não entram na competição. Mesmo assim, os não competidores investem muito para fazer bonito na festa.

**Figura 1:** Quadrilhas dos idosos.



**Foto:** Assessoria de Comunicação/Secretaria Municipal de Serviço Social de Tocantinópolis.

## **Identidade e Pertencimento**

As festas juninas de Tocantinópolis mobilizam diversos sentidos para os envolvidos. Além de ser uma festividade que busca dar visibilidade à cidade, são construídos laços familiares, espaços de trocas e discussão das relações cotidianas e da própria cultura tocaninopolina, e também são reforçados aspectos de comunitarismo. As Festas Juninas daquela cidade ressaltam a identidade e o sentimento de pertencer ao lugar. Sobre esse aspecto, Bauman ressalta que o sentimento de pertencimento a uma comunidade não é eterno e firme como parece:

Tornamo-nos conscientes de que o pertencimento e a identidade não possuem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que ele percorre, a maneira como age – a determinação de se manter firme e tudo isso – são fatores cruciais tanto para o pertencimento quanto para a identidade (BAUMAN, 2005, p. 17).

Assim, a cada ano, como vimos, símbolos e laços são reinventados para fortalecer esta identidade por meio do sentimento de pertencimento, são condições inerentes ao próprio

processo de reprodução cultural para as quais as quadrilhas contribuem como forma de comunicação. O sentimento de orgulho e pertencimento são destaques em Tocantinópolis. As quadrilhas representam “tempo alegre” para os quadrilheiros, é nesse momento em que eles mostram o amor que têm pela cidade e pelas festividades do mês de junho. A cidade se pinta inteira nessa época, o comércio vende mais, o turismo cresce bastante.

Os tocantinopolinos esperam o ano inteiro pelo mês de junho, os quadrilheiros começam a ensaiar, mais ou menos, uns quatro meses antes do evento. A comunidade expressa o seu orgulho em ver a visibilidade e entretenimento de quem visita a cidade. Assim como relatou Dona Carmem Assunção.

Para mim representa um tempo alegre. Cada vez que chega o mês de junho, o pensamento é só ali, beira de rio, quadrilhódromo, as quadrilhas, muito bom. (Carmem Assunção. Entrevista concedida em 25/05/2015).

A fala de dona Carmem mostra uma peculiaridade nos símbolos identitários presentes nas manifestações populares, especialmente na região Amazônica, a referência ao espaço ambiental, pois o território estabelece vínculos fortes pela relação sociedade/natureza, incluindo as referências culturais e ideológicas de cada lugar. Vemos no relato o intercâmbio entre a paisagem natural, “beira de rio”, mostrando a importância da presença do Rio Tocantins na região, e o quadrilhódromo, espaço construído para simbolizar a importância das quadrilhas como elementos identitários. Estas construções surgem como “fruto da história”, representam, além da expressão de referências culturais, as formas de poder e controle (MIRANDA, 2009, p. 335), mas também agregam a construção de novas identidades e referenciais de empoderamento e pertencimento das comunidades.

### **Visibilidade, Sociabilidade e Comunitarismo**

Ao mesmo tempo em que as festas juninas celebram a cultura da cidade, ela também recebe quadrilhas de cidades e estados vizinhos, tornando todo o espetáculo uma grande celebração da cultura popular do Brasil.

Também se percebe na festa a multiculturalidade e o sentido integrador. O evento não tem idade, vemos de crianças a idosos, presentes no quadrilhódromo. Carmem Assunção nos contou que esse processo de modernização das quadrilhas, passou a atrair mais pessoas, deu mais visibilidade fazendo com que as atrações se tornassem cada vez melhores.



Apesar de ter bastantes pessoas de idade, atrai muita gente jovem. Vem quadrilha de fora, não é só Tocantinópolis, vem de Araguaína, Palmas, e eles levam prêmios por isso (Carmem Assunção. Entrevista concedida em 25/05/2015).

Quando o mês de junho se aproxima, é notável o preparo e ansiedade da população tocaninopolina para as festas, seja dos próprios participantes como das pessoas que apenas querem assistir. Enecilda Soares, que já foi jurada das festas juninas de Tocantinópolis, afirma que:

São seis meses de espera pra festa, é uma festa que todo mundo participa, cedo a gente já está indo para a beira do rio, já está botando cadeira, já estão guardando os seus lugares lá porque todo mundo quer participar da festa, tanto daqui da cidade, como da região aqui perto (Enecilda Soares. Entrevista concedida em 23/06/2015).

O evento demonstra impulsionar a economia e o turismo local. As lojas de confecções, alfaiatarias, papelarias, hotéis etc. elencavam o lucro de capital para a cidade, pois, todos os anos os “quadrilheiros” precisam, antecipadamente, confeccionar os figurinos, ornamentar o “quadrilhódromo” de formas diferentes, seguindo as tendências minuciosamente pesquisadas pelos numerosos grupos.

Há também as feiras de alimentação, que compõem a festa e se localizam próximas ao quadrilhódromo. Os comerciantes vendem comidas típicas, como canjica, paçoca, milho assado, maçã do amor, entre outros. Cria-se assim, uma renda extra para parte da população, além de ser mais um atrativo da festa. Segundo Trigueiro (2003, p. 24), “para os agentes promotores locais a celebração das festas continua tendo um significado comunitário. Já para os agentes externos o interesse é econômico, político e dá novos sentidos e uso à cultura popular em escala global”.

É notável também a mobilização de muitos moradores para, a cada ano, conseguirem realizar uma festa ainda maior e melhor. Alguns tomam uma postura de liderança representando seus grupos, buscam arrecadar fundos para confecção de roupas, outros coordenam os passos e coreografias que serão apresentadas. Podemos enquadrá-los, em um primeiro momento, como líderes comunitários:

Os líderes comunitários são identificados (...) como os presidentes de associação de moradores e os conselheiros municipais são agentes oriundos das próprias comunidades que se distinguem pela capacidade de compreensão dos problemas sociais, desenvolvendo ações representativas que permitem realizar atividades voltadas para o bem-estar coletivo. (BIFFIGNANDI; DORNELLES, 2014).

Essas pessoas conquistaram prestígio e tem influência diante da comunidade, passam a ser os representantes, junto ao poder público, nas tomadas das principais decisões dos aspectos econômicos e sociais da festa junina. Como Maria das Graças Carneiro, coordenadora da quadrilha dos idosos da cidade, que nos contou o que representa participar desse grupo, que se torna um crescimento pessoal e também social.

Uma satisfação pessoal muito grande. É uma realização muito profunda. Agora de quatro a sete de maio, nós estivemos em Caldas Novas, fomos com o grupo de a quadrilha participar do 12º encontro nacional ao dedo de prosa, onde o país todo estava em Caldas Novas. Tocantinópolis estava lá, um dos grupos mais animados, foi a apresentação mais bonita dos municípios. Os coordenadores chamados no Palmas foi eu [sic], a única coordenadora do grupo. Então depois desse passeio a animação dobrou ainda muito mais (Maria das Graças Carneiro. Entrevista concedida em 25/05/2015).

Contudo, estudos sobre Folkcomunicação vem destacando ressignificações no perfil destes agentes, chamados agentes folkcomunicacionais (rainha, casal de noivos, casal de reis, rainha do milho e etc). De acordo com a pesquisadora Meneses, trata-se cada vez mais de uma categoria ligada à performance, aos personagens que essas pessoas, em geral jovens, representam.

Podemos chamá-los de agentes performáticos devido à força que a representação da personagem tem. Por exemplo, quanto mais bonita for a rainha da quadrilha, mais bonita será a cultura de quem assiste. Isso é inerente aos processos cotidianos da cultura vivida, e é algo dinâmico, é a própria comunidade que se transforma (Verônica Dantas Meneses. Entrevista concedida em 10/05/2016).

Uma referência interessante ao aspecto do Comunitarismo são as almofadas e banquinhos utilizados para marcar o lugar no quadrilhódromo. Muitos moradores chegam antes do início das festividades e depositam suas almofadas coloridas no lugar que preferem sentar para prestigiar as apresentações, ninguém retira do lugar indicado. As almofadas acabam colorindo ainda mais o ambiente e geram distinção ao espaço.

### **Considerações finais**

Durante as filmagens e entrevistas em nossa pesquisa de campo era possível perceber o quanto o período das Festas Juninas da cidade de Tocantinópolis representa para a região

do Bico do Papagaio. O evento traz pessoas de todas as regiões do estado e algumas cidades do Maranhão como Imperatriz, São Luís, Carolina, Porto Franco entre outras, tanto para se apresentarem, quanto para assistirem.

É perceptível que as Festas Juninas de Tocantinópolis são muito democráticas e inclusivas. Todas as pessoas participam. A diversidade de gêneros, classe social, faixa etária, condição física é significativa. Essa manifestação cultural combate, puramente, às opressões, mesmo que de forma indireta e momentânea. Isso pode se concluído nas falas de alguns entrevistados, como a da noiva do grupo Ministério Jovem da Igreja Católica, Brenda Amorim, que usa a festa para pregar o evangelho, e na fala de Wanderlan Araújo Lima, que organiza a Quadrilha dos Ferros, que é utilizada como instrumento de combate ao preconceito, uma ação efetiva da militância LGBT<sup>9</sup>.

A nossa ida à cidade e a forma como as pessoas nos trataram mostrou o quanto as tocantinopolinos amam e veneram as solenidades do mês de junho. Essas pessoas realmente se mobilizam como algo sagrado, como se essas festas justificassem o seu cotidiano, o seu amor pela cidade. Percebemos ainda que tudo está conectado ao cotidiano, as experiências trocadas e aos laços que se fortalecem a cada edição das apresentações, seja nos vínculos sociais seja na relação compartilhada de cada morador com a beira do rio e o quadrilhódromo.

Também foi possível sentir o quanto essa festa é carente de divulgação, mesmo que popular. Percebemos que a comunidade quer ter mais visibilidade e mostrar a sua identidade para o resto da sociedade. Os grandes veículos midiáticos do Estado do Tocantins não se mostraram presentes para a divulgação das festas, falta visibilidade da própria cultura do Estado para a população tocantinense. Quem mora em Gurupi, cidade no sul do Tocantins, por exemplo, só sabe que acontecem as quadrilhas de Tocantinópolis por meio de parentes que moram em Tocantinópolis. Nem rádio, TV ou jornal impresso informam sobre as festividades do norte do Tocantins.

## Referências Bibliográficas

BARRETO, Luiz Antônio. **Folclore: invenção e comunicação**. Aracaju: Typografia Editorial/Scortecchi Editora, 2005.

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 2005.

---

<sup>9</sup> Ou Movimento LGBTTTT (Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros), que luta pela liberdade de orientação sexual, combate a homofobia e pelos direitos dos homossexuais.

BIFFIGNANDI, Fernando; DORNELLES, Beatriz. *A utilização de princípios da Folkcomunicação e da Educomunicação na busca do diálogo compreensível com comunidades de baixa-renda*. Comunicologia, v. 7, n. 1 2014 pp. 247-262. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/viewFile/5366/360>. Acesso em: 20/06/2016.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do Cotidiano. Vol. 1. Artes de fazer**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1994.

MENESES, V. D. **O Brasil o os brasis na televisão aberta regional**. Palmas: EdUFT, 2015.

MENESES, V. D.; RIBEIRO, C. J. S. Reelaboração e invenção nas quadrilhas juninas no Tocantins. RIF, Volume 13, Número 30, dezembro 2015, p.116-134. Disponível em: <http://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/1817/1316>. Acesso em 20/06/2016.

MIRANDA, Elis de Araújo. *Leitura de uma paisagem luso-amazônica*. In. OLIVEIRA, José Aldemir de (org). **Cidades Brasileiras: territorialidades, sustentabilidade e demandas sociais**. Vol. 1. Manaus: EDUA, 2009.

SCHMIDT, Cristina. *Artesanato: mídia popular e o lembrar comunitário*. Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional, Ano 15 n.15, p. 121-128 jan/dez. 2011. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/AUM/article/.../402>. Acesso em maio de 2016.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade – 1780-1950**. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

WINKIN, Yves. **A Nova Comunicação - Da Teoria ao Trabalho de Campo**. Campinas/SP: Papyrus, 1998.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença – a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.